



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

FARIA, Maria Tereza; VOLPI, José Henrique. O que dizem os olhos na psicologia corporal reichiana. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) 25º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2022. [ISBN – 978-65-89012-02-3]. Disponível em: <https://www.centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos-de-psicologia/> Acesso em: ____/____/____.

O QUE DIZEM OS OLHOS NA PSICOLOGIA CORPORAL REICHIANA

Maria Tereza Faria
José Henrique Volpi

RESUMO

O corpo fala... principalmente pelos olhos. Na Psicologia Corporal reichiana os olhos, acompanhados do nariz, dos ouvidos e da pele, constituem o chamado segmento ocular. Esse é o primeiro segmento dos sete mapeados por Reich para compreender a ancoragem das emoções no corpo humano. Os olhos são a sede do contato. A proposta dessa comunicação é abordar a questão dos olhos e a expressão (ou não) de suas emoções.

Palavras-chave: Bioenergética. Contato. Olhar. Reich. Vegetoterapia

1) INTRODUÇÃO

São os olhos – quem mais?
Ou o que mais?

São eles os velozes mensageiros do desejo e do temor
– tão leves que segurá-los é impossível. (Gaiarsa, 2009, p. 07).

O olho é o órgão da vida por excelência. Segundo Groddeck (1976), é no olho onde o sangue circula de uma forma que não podemos ver, que se evidencia uma circulação energética independente da rede do sistema vascular. Os processos fisiológicos que determinam as expressões dos olhos são desconhecidos e, como diz Lowen (1982), sabe-se que a pupila se dilata no sentimento de dor e medo, e se contrai no prazer; que a dilatação alarga o campo da visão enquanto reduz a precisão do foco. São reações advindas do sistema nervoso autônomo que não se explicam, simplesmente ocorrem. Duas esferazinhas, segundo Gaiarsa (2009), que certamente são as partes de maior mobilidade no corpo humano, onde seis músculos poderosos sustentam a precisão e a rapidez do movimento que faz com que os olhos possam se concentrar em um ponto específico, no qual o que queremos ver é colocado ao alcance da mácula para que ela identifique o objeto com precisão natural, exatamente como ocorre no encontro biológico presa/predador: o ouvido indica a presença do predador, enquanto os olhos da presa podem dar a localização precisa, a direção e as rotas de fuga possíveis.

Existem duas visões que atuam concomitantemente – a central (foco) e a periférica (conjunto, movimento e cores). A visão central envia para o cérebro, que amplia muitas e muitas vezes, o que é focado pela pequena mácula, como se uma lente aumentasse tudo o que foi desenhado por esse ponto minúsculo; enquanto a periferia da retina governa os nossos



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

FARIA, Maria Tereza; VOLPI, José Henrique. O que dizem os olhos na psicologia corporal reichiana. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) 25º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2022. [ISBN – 978-65-89012-02-3]. Disponível em: <https://www.centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos-de-psicologia/> Acesso em: ____/____/____.

movimentos automáticos, tanto os instintivos quanto os aprendidos. O olhar é tido como centro das relações humanas enquanto percepção e expressão. Mais de 90% do que chega ao cérebro é visual, ou seja, a maior parte do que denominamos realidade é visual. Assim, os olhos sabem muito mais do que as palavras jamais poderão dizer.

O olhar é a sede do contato. Segundo Navarro (1987, p. 25), “o ser vivo é tal, precisamente quando estabelece contato com o exterior e com ele mesmo” Dessa forma, a visão se faz presente em nossa vida mais do que se possa imaginar. Conforme Gaiarsa (2009), imaginação, fantasia, sonhos, assim como observação, constatação, verificação e a própria crítica, são fenômenos devidos em grande escala à atuação dos olhos. Os nervos óticos ao entrarem no cérebro controlam, ligam-se e exercem influência sobre ele quase por inteiro. Isso só acontece com o homem.

Navarro (1995, p.16) explica que o cego “vê” através do tato e que, tanto a retina como a pele, similares pela histologia embrionária, nascem do ectoderma - o mesmo folheto embrionário que se forma o cérebro – e por isso, podem ser consideradas como nosso cérebro exterior. Lowen (2019) refere-se a uma misteriosa ressonância do tato que é preservada na visão próxima, quando esta converge sobre um objeto bem de perto e que pode ser suficientemente percebida como uma densidade quase tátil do globo ocular, como se esse tivesse o poder abraçar e de tocar.

2) O SEGMENTO OCULAR

O caráter pode ser definido como o modo habitual do indivíduo agir e reagir a fatos e pessoas. Para haver uma formação caracterial, é necessário que já esteja constituído o eu; e a constituição do eu está ligada à função dos olhos. (...) Foi demonstrado por pesquisas neuropsicológicas que há um eu fetal no 3.º mês de vida intra-uterina, que tem a capacidade de ouvir, de ver e de cheirar. Se o ventre de uma mulher grávida for brusca ou intensamente iluminado, o feto bate as pálpebras, isto é, sente-se solicitado e intensifica sua motilidade intra-uterina. (Navarro, 1995, p.15).

Em sua teoria da vegetoterapia caracteroanalítica, Reich (1975) refere-se ao fluxo energético corporal como um sistema vivo unitário, cuja função plasmática de circulação ao longo do corpo humano fica estagnada enquanto consequência de memórias emocionais energeticamente aprisionadas, causadoras de bloqueios na fluidez natural das emoções.

Reich mapeou metodologicamente o corpo humano em sete segmentos para compreender a ancoragem emocional, nessa ordem: ocular, oral, cervical, torácico, diafragmático, abdominal e pélvico.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

FARIA, Maria Tereza; VOLPI, José Henrique. O que dizem os olhos na psicologia corporal reichiana. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) 25º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2022. [ISBN – 978-65-89012-02-3]. Disponível em: <https://www.centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos-de-psicologia/> Acesso em: ____/____/____.

O primeiro segmento, apesar de envolver os três sentidos – visão, audição e olfato, é chamado de ocular, onde a funcionalidade e o encorajamento têm uma forte evidência da visão, desde a fase intra-uterina até os primeiros dez dias de vida.

Ao nascer, o bebê busca o olhar da mãe ou do cuidador em busca do acolhimento necessário regulador de suas emoções e, ao longo da vida, a linguagem do olhar se desenvolve na forma de perceber o mundo de acordo com as lentes dos afetos que atravessam nossos corpos energeticamente.

3) A COURAÇAS DO PRIMEIRO SEGMENTO

A funcionalidade do primeiro segmento é a interpretação dos fatos e do contato. Está diretamente ligado aos telerreceptores (órgãos dos sentidos) que captam as informações do mundo externo para configurar o mundo interno da pessoa, fundamental para a evolução da personalidade. Portanto, voltado a todos os tipos de contato. (VOLPI, 2021, p. 05).

Segundo Volpi (2021), as couraças são emoções congeladas que ficam ancoradas em segmentos funcionais onde se formam bloqueios que correspondem a tensões formadas nos tecidos, órgãos e músculos durante o desenvolvimento emocional desde a concepção, tensões estas geradas como resposta às frustrações com o ambiente.

Na clínica psicocorporal reichiana, os olhos são um fator de destaque, uma vez que estão diretamente ligados à percepção de si mesmo, do outro e do mundo que nos rodeia. Sendo assim, conforme preconiza Reich (1998), uma pessoa que tem um bloqueio nessa região, ou seja, uma couraça, irá ter dificuldades em sua percepção.

Isso é comumente visto no esquizofrênico, cujo olhar é o de uma pessoa emocionalmente ausente. O mesmo podemos dizer do indivíduo cujo olhar é distante, sem foco, conceituado, segundo a vegetoterapia, como núcleo psicótico ou, segundo a bioenergética, como de traços caracteriais esquizóides.

Essa couraça, segundo Navarro (1995), é decorrente do estresse sofrido pelo bebê, ainda no útero materno, ou durante o parto e primeiros dias de vida. Diversos fatores podem contribuir para tal como problemas na gestação ou parto, falta de contato materno, rejeição, etc.

3.1) SEGUNDO A VEGETOTERAPIA

A vegetoterapia caracterioanalítica foi metodologizada pelo neuropsiquiatra Federico Navarro. Segundo ele (1995), o primeiro segmento se refere ao nível dos telerreceptores: o ouvido, a visão, o olfato e o nariz. É um segmento que também está ligado ao segmento oral,



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

FARIA, Maria Tereza; VOLPI, José Henrique. O que dizem os olhos na psicologia corporal reichiana. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) 25º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2022. [ISBN – 978-65-89012-02-3]. Disponível em: <https://www.centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos-de-psicologia/> Acesso em: ___/___/___.

por conta da relação olfato/paladar. Outrossim, aponta que o nariz possui saída para os canais lacrimais e considera os resfriados serem, na verdade, uma manifestação de implosão de choro, de “chorar para dentro”, como as lágrimas que escorrem pelo nariz, que determinam a rinite.

No trabalho da vegetoterapia com o segmento ocular, Navarro (1995) indica quatro movimentos – actings - a serem executados no processo psicoterapêutico: o do ponto fixo; o da acomodação/convergência; o da lateralidade do olhar e o da rotação dos olhos. Só no final desse quarto acting se pode dizer que o paciente assumiu uma integração do eu.

No bloqueio desse segmento encontram-se situações que contêm aquilo que Navarro (1995) chamou de traços e núcleos, indícios psicóticos frequentes em pessoas desorganizadas energeticamente, que vêem as coisas ou as interpretam a seu modo, incidindo numa falta de contato com a realidade.

Para Navarro (1995) a consciência não é um fato existencial, mas um fato de “ser” - uma consciência do corpo que está ligada ao funcionalismo ocular. No psicótico, por exemplo,, a falta de consciência corporal é o fator determinante na desordem e desintegração do sujeito com a realidade. Na situação psicótica, a energia se encontra totalmente bloqueada, e até costuma-se dizer que o sujeito "fugiu pelos olhos".

O psicótico vê, mas não olha. O "não olhar nos olhos" também é uma característica clássica de todas as neuroses. O neurótico fala, mas não olha nos olhos, o que denota ser um traço do núcleo psicótico que existe nele. Explica Navarro (1995) que o psicótico é tomado por um grande medo, o qual instalou-se nos seus primeiros dez dias de vida, ou, possivelmente antes, em uma atmosfera de rejeição e ódio, que dá a ele um pavor de viver, de existir, pelo qual o psicótico é possuído. Sente-se sempre ameaçado; a própria vida, para ele, é sempre uma ameaça. As pessoas com um grande núcleo psicótico revelam com frequência instâncias místicas, cósmicas.

Há que se levar em consideração que o bloqueio diafragmático também se faz presente no psicótico. Navarro (1995) aponta o que Genovino Ferri considera fundamental, por ser o nível diafragmático a sede do umbigo e do plexo solar, pela relação com o cordão umbilical e a placenta, enquanto representantes da transmissão energética da mãe à criança.

Por isso, a terapia do psicótico é uma maternagem onde o terapeuta nesse novo nascimento é a figura da mãe, cujo modelo oferecido que o psicótico tem a seguir é a couraça do terapeuta, a sua neurose. Quando esse terapeuta evidencia que o paciente neurótico assumiu a sua neurose, deverá confiar essa pessoa, antes psicótica, que agora então é



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

FARIA, Maria Tereza; VOLPI, José Henrique. O que dizem os olhos na psicologia corporal reichiana. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) 25º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2022. [ISBN – 978-65-89012-02-3]. Disponível em: <https://www.centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos-de-psicologia/> Acesso em: ____/____/____.

neurótica como ele, a um outro terapeuta, exatamente como realiza o seu próprio processo terapêutico de manutenção.

3.2) SEGUNDO A BIOENERGÉTICA

A Bioenergética foi desenvolvida por Alexander Lowen a partir da caracterologia reichiana acrescentando-lhe novos conceitos, porém, mantendo a ênfase na respiração e a intervenção sobre a musculatura cronicamente tensa para liberar a estase, estimular o fluxo energético e recuperar a energia vital, imprescindível para a manifestação das expressões emocionais.

Conforme Lowen (1982), os olhos são o espelho da alma porque refletem direta e imediatamente os processos energéticos do corpo, assim como os demais pontos periféricos de contato de energia com o mundo além dos olhos – as mãos, os genitais e os pés – revelam essas conexões através do olhar, elevando o nível da carga dos olhos, e afirma que toda atividade que proporcione o sentimento de estar em contato firme com o chão eleva o nível da carga dos olhos, afetando, inclusive, o funcionamento geral dos olhos quando se fortalece o contato perna/pés/chão, sendo os diversos exercícios de grounding muito úteis. Assim, a visão melhora, vez que na falta de contato dos pés com chão, da pessoa não enxerga com nitidez o que está se passando à sua volta, e se torna cega por suas ilusões.

Afirma Lowen (1982) ser o grau de energia nos olhos uma medida da força do ego. Um indivíduo com um ego forte tem a capacidade de olhar diretamente nos olhos de outra pessoa como forma de autoafirmação, ao passo que olhar a si mesmo é uma manifestação de auto expressividade.

Na psicoterapia corporal, a dinâmica dos traços de caráter revela a expressão da personalidade do sujeito. Dessa forma, Lowen (2019) relacionou o olhar aos traços de caráter conforme a sua bioenergética.

O caráter esquizoide, segundo ele, apresenta um olhar vazio e inexpressivo, tendo como característica básica a ausência da expressão de sentimentos, que muitas vezes se dá pelo olhar, pelos olhos. Para Lowen (2019) o aspecto mais perturbador na aparência do esquizoide é a impressão que nos dá é a de que ele é incapaz de fazer contato visual. A impressão de ausência no olhar do esquizoide é a de que ele nos encara com olhos que veem, mas não sentem. No entanto, quando seus olhos focam em nós, pode-se identificar o sentimento neles, que é como se nos tocassem.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

FARIA, Maria Tereza; VOLPI, José Henrique. O que dizem os olhos na psicologia corporal reichiana. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) 25º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2022. [ISBN – 978-65-89012-02-3]. Disponível em: <https://www.centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos-de-psicologia/> Acesso em: ____/____/____.

Quanto ao caráter oral, há um olhar tipicamente suplicante de amor e de apoio, o qual pode estar mascarado por uma atitude de pseudoindependência, no entanto, o olhar suplicante, sempre volta à tona, o suficiente para dar nitidez a esta personalidade.

Já no caráter psicopático há dois olhares típicos que correspondem a duas modalidades de psicopatia ou duas atitudes psicopatas. O olhar que constrange ou que penetra, presente nos que necessitam controlar e dominar os outros, de olhos que fixam imposição de vontade sobre o outro. O outro tipo de olhar do psicopata é suave, intrigante, sedutor ao ponto de fazer que a pessoa à qual se dirige entregue-se às suas mãos.

No caráter masoquista, o olhar típico é de sofrimento ou dor e, ao mesmo tempo, pode estar encoberto por uma expressão confusa. No masoquista costuma ser maior contato com esse sentimento do que com seu senso subjacente de sofrimento. Na personalidade sadomasoquista, os olhos são pequenos e duros, que se justifica como uma inversão do olhar masoquista puro, que é triste e delicado.

No que se refere ao caráter rígido, o portador desta personalidade tem olhos fortes e brilhantes. Quando a rigidez é muito acentuada, os olhos tornam-se duros, mas não perdem a luminosidade. Esse embrutecimento do olhar é uma defesa contra a tristeza subjacente ao caráter rígido, relacionada à frustração amorosa. O rígido, ao contrário do masoquista, se equilibra com sua atitude agressiva, a qual ilumina seus olhos e sua maneira de ser.

Dos olhares acima descritos por Lowen (2019), o olhar referente ao caráter esquizoide é o único que nada expressa, que nada conta ao terapeuta, vez que o sentimento do paciente foi todo reprimido. Segundo ele, ao tratar esses pacientes, sempre presta muita atenção a seus olhos, para atingi-los emocionalmente e, quando ocorre essa reação, pode-se notar que os olhos do esquizoide se acendem e entram em foco, fato que também acontece, só que de forma espontânea, com pacientes de outros tipos caracterológicos quando ganham mais sentimento em consequência da terapia.

4) O OLHAR NA TERAPIA

Encontro de dois: olho no olho, cara a cara.
E quando estiveres próximo tomarei teus olhos
e os colocarei no lugar dos meus.
E tu tomarás meus olhos
e os colocarás no lugar dos teus,
então eu te olharei com teus olhos
e tu me olharás com os meus(...)
Jacob Levy Moreno (GONÇALVES, 1988, p.52)



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

FARIA, Maria Tereza; VOLPI, José Henrique. O que dizem os olhos na psicologia corporal reichiana. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) 25º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2022. [ISBN – 978-65-89012-02-3]. Disponível em: <https://www.centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos-de-psicologia/> Acesso em: ____/____/____.

O olhar do terapeuta e do paciente é uma troca que se estabelece no setting terapêutico enquanto fonte de expressão, meio de percepção, de projeção energética, e se instala em torno de uma vida emocional humana, interligada às leis da natureza e a regras funcionais da matéria e da energia. O objetivo da clínica psicorporal é de ação externa da regulação do paciente pelo cuidado do terapeuta em trabalhar na falha básica relacional mãe/cuidador – bebê/criança do paciente, ocorrida durante o seu desenvolvimento emocional de sustentação, incorporação, produção e identificação.

Nessa ação tátil corporal: ao mesmo tempo em que se observam, paciente e terapeuta, este cuida do paciente através do toque do olhar, não somente acolhendo suas emoções mas despertando-as através do olhar, um olhar afetivo, de sustentação imanente no toque, do tocar e ser tocado pela energia que mistura retina e pele fundamentada no paradigma do primeiro contato externo que é a busca ativa do olhar bebê ao nascer pelo olhar mãe e os efeitos da troca, contato cérebro-cérebro, face a face mediada por esse olho no olho, que Weigand (2018, p.67) chamou de grounding do olhar e que Moreno chamou de encontro de dois (GONÇALVES, 1988).

5) CONCLUSÃO

Com base no que foi apresentado, podemos demonstrar o que dizem os olhos na terapia corporal reichiana. É um assunto vasto com partida e chegada pelo caminho do conhecimento histórico em que procuramos expor, de forma bastante sucinta, alguns aspectos funcionais, energéticos e relacionais do olho, da visão, do olhar, do contato, através de algumas dentre as inúmeras possibilidades suscitadas pelos princípios basilares da teoria reichiana.

Esse trabalho está sustentado em dois autores: o pós-reichiano Federico Navarro e o neorreichiano Alexander Lowen, dois integrantes da árvore de sucessão de Wilhelm Reich. Um par de onde se pode observar diferenças na abordagem, mas que se complementam enquanto enriquecimento e consolidação do assunto primordial que envolve a natureza humana, o cuidar de si e a relação com o outro através da vivência clínica da psicologia corporal.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

FARIA, Maria Tereza; VOLPI, José Henrique. O que dizem os olhos na psicologia corporal reichiana. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) 25º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2022. [ISBN – 978-65-89012-02-3]. Disponível em: <https://www.centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos-de-psicologia/> Acesso em: ____/____/____.

REFERÊNCIAS

GAIARSA, José Angelo. **O Olhar**. São Paulo: Ágora, 2009.

GONÇALVES, C.S.; WOLF, J.R.; ALMEIDA, W.C. **Lições de Psicodrama – introdução ao pensamento de J. L. Moreno**. São Paulo: Ágora, 1988.

GRODDECK, Georg. **“Nasamecu” La Nature Guérit**. Paris: Aubier Mantagne, 1980.

LOWEN, Alexander. **Bioenergética**. São Paulo: Summus, 1982.

LOWEN, Alexander. **O corpo traído**. São Paulo: Summus, 2019. Edição do Kindle.

NAVARRO, Federico. **Caracterologia pós-reichiana**. São Paulo: Summus, 1995.

NAVARRO, Federico. **Terapia Reichiana I fundamentos médicos somatopsicodinâmica**. São Paulo: Summus, 1987.

REICH, Wilhelm. **Análise do caráter**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VOLPI, José Henrique. **Mapeamento emocional do corpo humano e os anéis de couraças**. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org). Curso de Extensão Psicofisiologia dos Anéis de Couraça. Mapeamento emocional do corpo humano e as interações psicofisiológicas. Curitiba: Centro Reichiano, 2021.

WEIGAND, Odila. **Grounding e autonomia. A terapia corporal bioenergética revisitada**. São Paulo: Zagadoni, 2018.

APRESENTADORA

Maria Tereza Faria / Rio de Janeiro/ RJ / Brasil - Psicóloga (CRP-05/66486) (USU). Bacharel em Comunicação Visual (UFRJ). Bacharel em Letras (UFRJ). Bacharel em Direito (UNESA). Especialização em Psicologia Corporal, no Centro Reichiano – Curitiba/PR. E-mail: mtfr@me.com

ORIENTADOR

José Henrique Volpi / Curitiba / PR / Brasil

Psicólogo (CRP-08-3685), Especialista em Psicologia Clínica, Anátomo-Fisiologia, Hipnose Ericksoniana, Psicodrama e Brainspotting. Psicoterapeuta Corporal Reichiano, Analista psicocorporal Reichiano formado com o Dr. Federico Navarro (Vegetoterapia e Orgonoterapia). Especialista em Acupuntura clássica e Método Ryodoraku (eletrodiagnóstico computadorizado de medição da energia dos meridianos do corpo). Mestre em Psicologia da Saúde. Doutor em Meio Ambiente e Desenvolvimento. Autor de diversas publicações na área da Psicologia Corporal. Organizador e Presidente dos Congressos Brasileiros de Psicoterapias Corporais.

E-mail: volpi@centroreichiano.com.br